

O PRIMEIRO LIVRO BÚLGARO SOBRE O BRASIL

Rumem Stoyanov

As relações búlgaro-brasileiras, embora não sistemáticas e longe de estarem à altura das possibilidades e dos interesses reais dos dois povos, têm já longa história. Sem serem ainda estudadas, estas relações escondem mais surpresas agradáveis que se pode imaginar. Para ser mais concreto, apontarei apenas um dos fatos mais impressionantes: no português-brasileiro entraram firmemente algumas palavras búlgaras. Este fato será objeto de futuro artigo. Analisemos agora a esfera literária. Em 1923, ou seja há sessenta anos, em Sófia, foi publicado um livro sobre o Brasil. Era o primeiro livro sobre o enorme país e levava o título **Em Direção ao Equador**. E o subtítulo concretizava: “Na Exposição Mundial do Rio de Janeiro, Brasil, América do Sul”. Em 1937, mais um livro sai sobre o Brasil. É uma coletânea de contos, **O Pó atrás dos Rebanhos**, organizada por Matvey Valev, que havia trabalhado no Planalto Central.

O autor do livro **Em Direção ao Equador** é Stoian Omartchevski, naquele tempo Ministro da Educação do gabinete de Alexandre Stamboliiskis. Stamboliiski era o líder do partido político “União Agrária Popular Búlgara”, que tinha chegado ao poder em 1920, através de eleições, formando um governo independente. Este governo realizou mudanças democráticas entre as quais a reforma agrária que lhe valeu em 1923 um golpe de Estado e Stamboliiski foi brutalmente assassinado. Vemos, portanto, que este foi o primeiro governo búlgaro a orientar a sua política para a América Latina. Hoje, a “União Agrária Popular Búlgara” é um dos partidos mais velhos do mundo, com experiência de mais de oitenta anos (a “União” foi fundada em 1899) e junto com o Partido Comunista Búlgaro é um dos dois partidos dirigentes na República Popular da Bulgária. Permito-me um pequeno desvio para dizer que coube precisamente ao governo de Stamboliiski estabelecer relações consulares entre a Bulgária e o Brasil. Isto ocorreu em 1922 e o Brasil foi o primeiro país latino-americano a ter relações com a Bulgária (mais tarde, em 1934, foram estabelecidas relações diplomáticas). Precisamente cinquenta anos mais tarde, no Rio de Janeiro, a Condessa Pereira Carneiro contava que ainda guardava fotografias do seu marido com Alexandre Stamboliiski, que tinha visitado o dirigente do governo búlgaro em função da assinatura do acordo para estabelecimento destas representações diplomáticas. Tais fotografias, desconhecidas na Bulgária, como também outros materiais relacionados a este acontecimento, representam com certeza grande interesse para a história da UAPB e da Bulgária, e seria bom se, pelo menos cópias destes documentos, fossem oferecidos à Bulgária.

Mas voltemos a Omartchevski. Ele fora o iniciador, o ideólogo e o realizador principal de uma das reformas educacionais mais progressistas na história da Bulgária moderna. Fora também o organizador de várias melhorias na vida cultural nacional. Depois do golpe de Estado contra a UAPB, Omartchevski afastou-se da política e trabalhou apenas como intelectual. **Em Direção ao Equador** é uma mistura de notas de viagem, balanço diplomático e estudo econômico. Deixemos de lado as notas de viagem, porque nelas não consiste a importância deste livro. Ele contém 168 páginas divididas em seis partes e estas, por sua vez, em capítulos cujos títulos elucidam o que se crê ter atraído o búlgaro.

A primeira parte chama-se “De Paris através de Bordeaux para o Equador” (com os capítulos “Cem anos da Independência do Brasil”, “O que representa a Exposição Mundial” e “Em São Paulo”). A parte mais curta do texto, de quatro páginas, é a segunda: “Volta para a Bulgária”. A mais vasta é a terceira: “O Brasil no sentido geográfico, histórico, étnico e econômico”. Composta por 87 páginas, ou seja mais da metade do livro, esta parte ilustra o predominate na obra de Omartchevski. Esta terceira parte o autor dividiu em capítulos: I. “Notas geográficas”, II. “Notas históricas”; III. “População”; IV. “Produção e Comércio”; V. “Indústria”; VI. “Orçamentos federais”; VII. “Finanças do Estado”. Por ser o Estado de São Paulo primordial na economia brasileira, Omartchevski dedica-lhe uma parte especial, a quarta, de 34 páginas. As outras duas são: “Conclusão” e “Anexos” (Disposições gerais para os expositores e Regulamentos do júri para os prêmios). No final do livro há ainda sete fotografias.

O que é que levou o governo agrário a enviar uma delegação chefiada por Omartchevski para o longínquo e desconhecido Brasil, para participar da exposição por ocasião do centenário da independência do país? A resposta é dada pelo próprio Omartchevski: “a situação muito grave da Bulgária, àquela altura”; Dirigido por políticos inaptos, o povo colocou um triste recorde para o país — no período de seis anos tiveram lugar três guerras: a Balcânica, a dos Interaliados e a Primeira Guerra Mundial.

O país saiu delas dessangrado, com perdas significativas de terras, sofrendo duas catástrofes nacionais e enormes sanções dos seus vencedores. A Bulgária está em ruína econômica, sua situação internacional é extremamente desfavorável. O governo de Stamboliiski, que tinha subido ao poder dois anos depois da segunda catástrofe e sete depois da primeira, buscava meios para tirar o Estado e o povo desta situação lamentável. Um dos meios para alcançar este objetivo, o governo o vê no estabelecimento de uma cooperação com parceiros não tradicionais para a Bulgária na base de igualdade de direitos e interesses mútuos. Omartchevski diz

(pág. 16) que o seu país é o único dos Estados balcânicos que participaram dos festejos e da exposição. Também não é por acaso que a delegação búlgara, composta por três membros, inclui o filho do Primeiro-Ministro, Asseu Stamboliiski. Circunstâncias que demonstram que da missão brasileira de Omartchevski esperavam-se resultados importantes no setor econômico e político.

Permito-me citar aqui um pouco mais explicitamente um trecho do livro, que apóia as palavras acima: “A Guerra Mundial, com as suas graves conseqüências para os participantes dos dois campos, originou nos povos do Velho Mundo relações de hostilidade e ódio e tornou a situação internacional do povo búlgaro insuportável. São necessárias grande paciência e persistência, esforços enormes para poder acabar com a hostilidade e a desconfiança. Para alcançar isso e até chegar a este ponto, devemos estabelecer relações com alguns países da América do Sul e, em primeiro lugar, com o Brasil. A excelente recepção que lá me deram como representante do governo búlgaro, por parte do governo do Brasil e os meios competentes, entre os quais encontrei um bom conhecimento da Bulgária e do povo, uma avaliação correta das qualidades do búlgaro, dão-me razão para acreditar que a Bulgária encontrou no governo brasileiro um bom amigo e defensor ardente da sua causa. Deram-me garantias, o governo brasileiro e os meios competentes, de que farão tudo para que a Bulgária estabeleça relações comerciais diretas com o Brasil. Neste sentido, penso que é necessário destacar mais uma vez a boa impressão que a exposição búlgara causou no Rio de Janeiro junto aos meios governamentais, ao comércio e à sociedade. Não devem ser esquecidas as facilidades proporcionadas por parte dos órgãos competentes na organização da exposição” (pág. 132/133).

Claro que a rapidez do Brasil em estabelecer relações comerciais com a Bulgária decorreu não só de simpatias, mas de determinados interesses econômicos.

Durante a sua estada no Brasil, a delegação búlgara desenvolveu uma atividade contínua em vários setores: diplomático, de propaganda, econômico e cultural, que ultrapassa os limites de encontros protocolares convencionais. Para os três búlgaros (o outro era o filho de Filip Manolov, secretário-geral do Ministério da Educação) os dias passaram no Rio foram de intenso trabalho. Omartchevski foi recebido pelo Ministro do Exterior e na altura de viajar para São Paulo ele o acompanhou à estação ferroviária. Duas vezes foi recebido pelo presidente Epitácio Pessoa. Nas págs. 31/32 lemos: “Em 19 de setembro tive uma audiência de despedida com o Presidente da República que me deu no mesmo dia uma carta por ele escrita para o Presidente do Estado de São Paulo, Sua Excelência Dr. Washington Luís. Neste encontro com o presidente do Estado brasileiro eu tive a possibilidade de falar, pela quarta vez, da

situação difícil no nosso país e procurar a sua defesa e proteção para aliviar as pesadas condições do tratado de paz para a Bulgária. Falei-lhe do meu desejo de visitar o Estado de São Paulo, uma província da qual o Brasil orgulha-se em todos os sentidos: comercial, econômico, cultural etc.". Além de lhe entregar uma carta de recomendação para o presidente do Estado, Epitácio Pessoa também assegurou ao político búlgaro um comboio especial com o qual viajou até aquela cidade. Omartchevski foi recebido, ainda, pela esposa do presidente. Por iniciativa dela, o Ministério do Exterior divulgou na imprensa uma informação oficial sobre a visita do ministro búlgaro. Estes gestos de atenção por parte do presidente brasileiro e de sua esposa demonstram que o enviado búlgaro tinha ganho a sua benevolência, fato que facilitou muito a sua missão diplomática. Além disso, a delegação búlgara cumpriu fielmente todo o programa com as numerosas recepções, visitas e desfiles militares. A atividade dos enviados deve ter sido realmente muito carregada no esforço de fazerem o possível para que a sociedade brasileira conhecesse a sua pátria, pois a Bulgária obteve direito exclusivo de participar com as suas vitrinas no maior pavilhão industrial do Brasil, embora a proibição existente para os estrangeiros.

Omartchevski não esquece os brasileiros que o ajudaram na execução destas tarefas. Por sua proposta, dois deles, Amilcar Marquezini, secretário da Comissão dos Trabalhos Externos na Câmara dos Deputados, no Rio, e o professor Mindelo, funcionário do pavilhão industrial, foram condecorados pelo governo búlgaro com medalha de méritos civis. Entre os brasileiros cujos nomes encontramos no livro de Omartchevski, está o diretor-geral da Exposição, Sr. Niemeyer. Este fato levanta a nossa curiosidade: será algum parente de Oscar Niemeyer, que no ano passado, numa entrevista pela televisão brasileira e perante a revista búlgara "Otetchevstvo", declarou que o país do qual mais gosta é a Bulgária ?

No seu desejo de aproximar os dois povos Omartchevski não deixa de mencionar no livro as relações existentes entre búlgaros e brasileiros. Do seu discurso em São Paulo, diz que foi traduzido pelo seu compatriota Atanassov, que tinha ido dezesseis anos antes para o Brasil e era, naquela altura, professor de zootecnia na Escola Agrícola de Piracicaba. Quando visita o Instituto Butantã, descobre que o seu dirigente, Prof. Rudolf Kraus, é conhecido na Bulgária pela sua participação nas lutas vitoriosas contra os turcos nas cidades de Lule Burgas e Bunar Hissar, durante a Guerra Balcânica (1912). Uma expressão de respeito para com a nação búlgara, representada, sem dúvida, magnificamente pelos seus enviados, foi a decisão das autoridades de dar a uma rua de São Paulo o nome

de "Sófia", a capital búlgara. Despedindo-se de São Paulo, Omartchevski envia uma carta de agradecimentos ao Presidente do Estado, Dr. Washington Luís, que será publicada nos jornais da cidade. Depois, Omartchevski visita a cidade de Santos, onde também foi recebido com honras militares e o hino búlgaro e as autoridades deram uma recepção para mais de duzentas pessoas.

Em Direção ao Equador distingue-se não só pelo seu espírito de amizade para com o Brasil, mas também por um conhecimento político e econômico do ministro Omartchevski que, utilizando dados estatísticos, tabelas e esquemas tirados de fontes brasileiras, fundamenta a vantagem mútua de um intercâmbio comercial entre os dois estados. Depois de estudar os seus interesses, faz propostas concretas para o estabelecimento de um intercâmbio comercial direto, sem a intervenção de terceiros países. Omartchevski descreve uma forma de cooperação econômica (pág. 14) que hoje também é interessante: "Criar uma linha de navegação direta entre o Brasil e a Bulgária e formar em alguns dos portos búlgaros um posto de armazém de café para toda a Península Balcânica: esta era uma das idéias que agradou sobretudo aos exportadores brasileiros de café".

A presença material búlgara na Exposição Mundial do Rio de Janeiro foi modesta. Consistia em duas vitrinas com objetos de artesanato: trajes típicos, instrumentos musicais, todos doados depois ao Museu Etnográfico Brasileiro, tabaco, óleo de rosas. Mas era significativa. O júri internacional concedeu seis prêmios aos artigos búlgaros: o "hors concours" para o óleo de rosas; "grand prix" para os tabacos búlgaros. Um reconhecimento importante para um povo escravizado durante quinhentos anos, livre somente quarenta e quatro anos e sujeito ao sofrimento de quatro guerras e duas catástrofes nacionais.

Lamentavelmente, toda a política de Stamboliiski para o estabelecimento de relações com o Brasil, assim como feito pelo ministro Omartchevski e a sua delegação, no sentido de aproximação dos dois povos, foi logo condenada ao fracasso pelo golpe de estado reacionário de junho de 1923. Para a Bulgária, de novo vêm os dias sangrentos, tão freqüentes na sua história de mil e trezentos anos: a primeira insurreição antifascista do mundo, em 1923, da qual participam ativamente os camponeses da UAPB, o terror branco de 1925 e a resistência armada antifascista de 1941/1944.

Agora, quando se comemoram sessenta anos do estabelecimento das relações entre o Brasil e a Bulgária, poderíamos dizer que aquilo

pelo que lutaram Stamboliiski e Omartchevski já é uma realidade: os dois países realizam na base da igualdade um intercâmbio de bens materiais e espirituais em nome da paz e do entendimento.

(Transcr. do **Correio do Povo**, de Porto Alegre, de 30/3 e 1/4 de 1982.)

*